



## Tragédia estampada na capa: como a *Folha de São Paulo* e o jornal *Super Notícia* apresentaram o incêndio da boate *Kiss*<sup>1</sup>

Gisllene Rodrigues FERREIRA<sup>2</sup>

Ana Cristina SPANNENBERG<sup>3</sup>

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

### RESUMO

As capas de jornais podem ser consideradas como vitrines que contribuem para capturar a atenção do leitor. Diante disso, propomos nesse artigo uma análise sobre como as capas dos jornais *Super Notícia* e *Folha de São Paulo*, respectivamente o primeiro e o segundo maior em circulação no país, apresentaram a tragédia ocorrida em Santa Maria no Rio Grande do Sul: o incêndio da boate *Kiss*. Seguindo a proposta conceitual do leitor modelo (ECO, 1986), consideramos ser possível, a partir das capas, verificar para que tipo de receptor elas foram construídas e pensadas na instância de produção.

**PALAVRAS-CHAVE:** mídia impressa; capa de jornal; leitor modelo; cobertura de tragédia.

### 1. INTRODUÇÃO:

As capas de jornais enquanto vitrines buscam despertar o interesse de um grande público leitor. Essas exibem os conteúdos jornalísticos que poderão ser encontrados nas páginas internas dos jornais, sendo assim, é a partir delas que o leitor poderá ter o primeiro contato com um produto impresso e decidir se irá consumi-lo<sup>4</sup>.

Neste artigo, analisamos as capas dos jornais *Super Notícia* (edição de Belo Horizonte) e *Folha de São Paulo*, ambos publicados no dia 28 de janeiro de 2013. Selecionamos essas edições, pois elas enfatizaram um assunto que despertou a atenção

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

<sup>2</sup> Estudante do 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da UFU, bolsista do projeto “Vitrine de Notícias: análise das estratégias de recepção das primeiras páginas dos jornais impressos” (contemplado pelo Edital 02/2012 Pibic/CNPq/UFU), email: [gisllene.ufu@gmail.com](mailto:gisllene.ufu@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Jornalista, professora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFU, mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA/2004) e doutora em Ciências Sociais (UFBA/2009), coordenadora do projeto “Vitrine de Notícias: análise das estratégias de recepção das primeiras páginas dos jornais impressos” (contemplado pelo Edital 02/2012 Pibic/CNPq/UFU), email: [anacristina@faced.ufu.br](mailto:anacristina@faced.ufu.br)

<sup>4</sup> Os resultados apresentados neste artigo fazem parte do projeto de pesquisa intitulado “Notícias de Primeira Página-Análise da construção textual e gráfica das capas dos jornais *Super Notícia* e *Folha de São Paulo*”, subsumido ao projeto geral “Vitrine de Notícias: Análise das estratégias de recepção das primeiras páginas dos jornais impressos<sup>4</sup>”. O objetivo do primeiro projeto é analisar os elementos gráficos e textuais que compõem as primeiras páginas dos jornais *Super Notícia* e *Folha de São Paulo*, a fim de perquirir como o produto jornal estabelece estratégias de recepção utilizando o elemento capa como interface. Para isso, selecionamos de modo aleatório as edições do mês de janeiro de 2013 de cada um dos jornais citados – considerados os dois de maior tiragem no Brasil<sup>4</sup> – com a pretensão de observar recorrências e regularidades.



dos brasileiros e fez parte da agenda midiática<sup>7</sup>: o incêndio que ocorreu na boate *Kiss*, em Santa Maria no Rio Grande do Sul.

O fato ganhou destaque na mídia nacional por ser uma tragédia que ocasionou muitas vítimas (aproximadamente 241 pessoas<sup>8</sup>). O incêndio na boate *Kiss* (localizada na cidade de Santa Maria, na região central do Rio Grande do Sul) foi intitulado pela grande mídia como “tragédia no sul”. O fato ocorreu na madrugada do dia 27 de abril de 2013, durante o show da banda Gurizada Fandangueira, em que o vocalista do grupo musical fez uso de artefatos pirotécnicos no palco ocasionando o incêndio. Grande parte das vítimas faleceu asfixiada após inalar fumaça tóxica advinda da queima da espuma de isolamento acústico a qual revestia o teto da boate nas proximidades do palco.

O presente artigo pretende, a partir da análise das capas dos jornais *Super Notícia* e *Folha de São Paulo* sobre o incêndio na Boate *Kiss*, levantar inferências sobre quem é o leitor presumido na instância da produção dos referidos periódicos. Isso será feito a partir dos conceitos de Leitor Modelo (ECO, 1986) e Leitor Ideal (CHARTIER, 1996). Para tanto, o texto está estruturado em seis partes, além da presente introdução, a saber: 2. A construção do leitor; 3. O jornalismo e a cobertura de tragédias; 4. Análise do *corpus*; 5. Considerações; 6. Referências. A análise será realizada a partir das categorias imagens, texto, diagramação e cores.

## **2. A Construção do leitor no texto**

Quem escreve uma carta, elabora o texto pensando em seu remetente. Assim também acontece com os jornalistas na instância de produção, em que ao elaborarem matérias jornalísticas e ao construírem as capas de seus veículos de comunicação, realizam suas atividades pensando em qual público leitor pretendem alcançar. Portanto, toda publicação prevê determinado tipo de receptor.

Umberto Eco, a partir da perspectiva da semiótica da interpretação, considera que “um texto representa uma cadeia de artifícios de expressão que devem ser atualizados pelo destinatário” (1986, p.35). Diante disso, verifica-se uma cooperação

---

<sup>7</sup> Ao citarmos agenda midiática nos referimos à agenda de assuntos que os grandes meios de comunicação de massa escolhem veicular de acordo com determinados critérios de noticiabilidade.

<sup>8</sup> Historicamente o incêndio na boate *Kiss* é considerado como o segundo maior no país, pois de acordo com o site de notícias “oglobo”<sup>8</sup>, o incêndio considerado como maior tragédia no Brasil ocorreu em 1961, no Gran Circo Americano na cidade de Niterói, Rio de Janeiro, que apresentou maior número de vítimas (503 pessoas). Informações disponíveis em <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/03/laudos-confirmam-100-das-mortes-por-asfixia-e-superlotacao-na-kiss.html> Acesso em: 06 mai 2013.



entre texto e leitor para que as informações apresentadas possam ser interpretadas. Essa cooperação é exercida pelo leitor de forma consciente e ativa, pois a interpretação do texto não está posta. Sendo assim, o leitor precisa preencher a lacuna dos “não ditos” do texto.

Esse movimento cooperativo, segundo o autor, exige que os leitores tragam informações além daquelas que estão apresentadas no texto. Desse modo, Eco (1986, p.37) considera que o texto convita o leitor a desenvolver uma série de competências para realizar a leitura, recorrer a sua enciclopédia, que é composta pelos conhecimentos já adquiridos, seja por estudo, leitura ou pela vivência de situações que lhe ensinaram sobre o tema e a partir dela fazer inferências sobre os possíveis sentidos transmitidos pelo texto.

Segundo Eco “(...) o texto postula a cooperação do leitor como condição própria de atualização” (1986, p.39). Sendo assim, para compreender as capas aqui analisadas, o leitor precisa saber que na madrugada do dia 27/01/2013 aconteceu um incêndio em uma boate no Rio Grande do Sul e que foi um acidente de grandes proporções devido ao número de vítimas, podendo ser considerado como uma tragédia. Portanto, o leitor sempre convoca competências intertextuais, ou seja, ele busca, mesmo que de forma inconsciente, relacionar o assunto do texto com outros relacionados.

Ao fazer opções textuais e gráficas, o produtor prevê um conjunto de características necessárias para que o texto seja atualizado por alguém. A esse conjunto de estratégias, Umberto Eco chama “leitor modelo”. A partir dessa ideia, acreditamos que, ao analisar uma matéria jornalística, por exemplo, é possível identificar através de “pistas” deixadas durante sua composição, qual o receptor previsto na instância de produção, ou seja, qual o “leitor modelo”, que não condiz necessariamente com o leitor empírico de fato .

Roger Chartier (1996), sob outra perspectiva teórica, a teoria desconstrutivista, também reflete acerca do leitor no texto e sobre a prática da leitura. Ele propõe o termo “leitor ideal” para identificar aquele para quem um autor destina seu texto e a ideia de “protocolos de leitura” como uma espécie de trilho de segurança para que a leitura atinja seus objetivos. O autor conceitua os protocolos de leitura como uma forma de remontar:

Aos elementos que determinado autor dissemina pelo texto de modo a assegurar ou ao menos indicar a correta interpretação que se deveria dar a ele. Em outros termos, poder-se-ia dizer que tais protocolos de leitura inscrevem no texto a imagem de um “leitor ideal”, cuja competência adequada decodificaria o



sentido preciso com que o autor pretendeu. (CHARTIER, 1996, p.10)

Chartier ainda propõe que “as apropriações dos textos pelo leitor implicam sempre a consciência de que a possibilidade de leitura efetua-se por um processo de aprendizado particular, de que resultam competências muito diferentes” (1996, p.13). Logo, as apropriações das informações contidas nos textos variam de leitor para leitor, uma vez que “cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria” (1996, p.20).

### **3. O jornalismo e a cobertura de tragédias**

O jornalista pauta seu trabalho com base em determinados critérios de noticiabilidade. Esses podem ser definidos como as características que um fato deve possuir para ser considerado noticiável, os valores-notícia. Além de impacto, número e importância dos personagens envolvidos, proximidade e repercussão, também os fatos inusitados são destacados como marcas para compor uma notícia. Desse modo, assuntos com teor de tragédia acabam se tornando frequentes nas publicações impressas. Isso porque o trágico desperta a atenção de grande parte do público leitor desde o início das atividades jornalísticas (cf. TRAQUINA, 2005).

Segundo o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, tragédia é definida como “acontecimento que desperta lástima ou horror, ocorrência funesta; sinistro; mau fado; desgraça, infortúnio” (AURÉLIO, 1986, p.1697). Verifica-se que atualmente a tragédia é concebida “[...] como o acontecimento imprevisto e irreversível que transforma nossas vidas através do sofrimento. É um momento de espanto!” (CODATO apud SANTOS, 2002, p. 73).

A exploração do jornalismo por esses temas, portanto, vem também da necessidade de ampliar a audiência atendendo ao gosto do seu público. Afinal, como afirma Hazlitt

se tem sangue, vira manchete, reza o antigo lema dos jornais populares e dos plantões jornalísticos de chamadas rápidas na tevê – aos quais se reage com compaixão, ou indignação, ou excitação, ou aprovação, à medida que cada desgraça se apresenta (HAZLITT apud SONTAG, 2003, p. 20).



Essa opção de cobertura, embora bastante atual, não é recente. Nelson Traquina (2005) analisa três diferentes períodos históricos e encontra esse valor-notícia como permanente em todos eles. Nas primeiras décadas do século XVII, o historiador Mitchell Stephens identificou como um dos principais “valores-notícia” o insólito, destacando todo tipo de acontecimento espantoso e extraordinário, como catástrofes, milagres e feitiçarias. Além desse, também destacavam-se os homicídios, os fatos envolvendo pessoas proeminentes e as notícias internacionais, como guerras e trocas comerciais (apud TRAQUINA, 2005, p.66). O segundo momento histórico analisado compreende as décadas de 1830 e 1840, momento no qual entrava em cena a chamada *penny press* e, ao invés das informações sobre política que predominavam no período anterior, inseriram-se matérias de interesse humano, com ênfase em histórias locais e fatos sensacionalistas. As alterações tinham como propósito, conforme Traquina, “[...] redefinir a notícia de maneira a satisfazer os gostos, os interesses e a capacidade de compreensão das camadas menos instruídas da sociedade” (2005, p.67). Por fim, o terceiro momento apresentado por Traquina compreende o ano de 1967 e a década de 1970, período no qual destacam-se quatro principais categorias de “valores-notícia”: 1) os crimes, escândalos e investigações; 2) os protestos violentos ou não, 3) os desastres; e 4) o insólito (cf. TRAQUINA, 2005, p.68).

Segundo o autor, chama a atenção a importância do valor de proeminência do ator principal na determinação do grau de noticiabilidade. “As pessoas não conhecidas só são notícias quando: a) são manifestantes, grevistas ou amotinados [...]; b) são vítimas de desastres, naturais ou sociais; c) são transgressores da lei e da moral; e d) são praticantes de atividades invulgares” (2005, p.68). As principais notícias estão ligadas ao Estado, relacionadas, especialmente, a conflitos internos, decisões governamentais e mudanças de funções (cf. TRAQUINA, 2005, p.68). Para explicar as coincidências entre os “valores-notícia” que permeiam os três diferentes períodos, que totalizam quase quatro séculos de publicações jornalísticas, Nelson Traquina recorre ao historiador Mitchell Stephens:

É surpreendente que a essência das notícias tenha mudado tão pouco? A que outros assuntos se poderiam as notícias ter dedicado? Podemos imaginar um sistema de notícias que desdenhasse o insólito em favor do típico, que ignorasse o proeminente, que dedicasse tanta atenção ao datado como ao atual, ao legal como ao ilegal, à paz como à guerra, ao

bem-estar como à calamidade e à morte? (apud TRAQUINA, 2005, p.69)

E o próprio historiador conclui: “Que a humanidade tem permutado uma mistura semelhante de notícias com consistência através da história e através das culturas que criam interesse nestas notícias parece inevitável, se não inato.” (apud TRAQUINA, 2005, p.63).

#### 4. Análise do corpus

Para desenvolver a análise proposta neste artigo, selecionamos duas capas de jornais distintos, uma do jornal *Folha de São Paulo* e outra do jornal popular *Super Notícia* (edição de Belo Horizonte), ambas publicadas no dia 28 de janeiro de 2013. Segundo Cunha, “em se tratando de jornalismo impresso diário, a capa deve abordar o que há de mais importante naquele dia – ou melhor, no dia anterior, já que essa é a característica da mídia impressa” (2007, p.4). Diante disso, optamos por trabalhar com duas capas publicadas um dia após o incêndio ocorrido na boate *Kiss* (Figuras 01 e 02):

Figura 01: Capa *Folha de São Paulo*



Fonte: FSP, 28/01/2013

Figura 02: Capa *Super Notícia*



Fonte: Super, 28/01/2013

A fotografia é, predominantemente, o elemento gráfico que destaca a composição gráfica de uma capa de jornal. Diante disso, a primeira categoria que analisamos nas capas da *Folha de São Paulo* e do jornal *Super Notícia* são as imagens. Para isso, nos baseamos nas categorias propostas por Véron (2003), o qual define quatro formas de categorizar as fotos jornalísticas, são elas: “foto testemunhal”, “foto pose”, “foto retórica das paixões” e “foto categorial”.

O jornal *Folha de São Paulo* apresentou duas fotos, sendo que a primeira veio acompanhada de um infográfico (Figura 03).

Figura 03: Fotografia principal de capa da *Folha de São Paulo*



Fonte: FSP, 28/01/2013

A foto representa o momento em que o corpo de bombeiros e a polícia foram socorrer as pessoas que estavam na boate *Kiss* durante o incêndio. Como a imagem está

ligada diretamente à atividade do repórter, com sua presença no cenário do acontecimento a foto pode ser considerada como testemunhal. Segundo Véron, uma foto “testemunhal” refere-se a “uma imagem cuja pertinência reside na captação do instante do acontecimento; sempre espontânea (por oposição à pose), está ali porque ilustra o acontecimento do qual se fala no texto que acompanha” (2003, p.13).

Essa imagem pode ser considerada como a principal da capa, pois ocupou toda a parte superior da página. Ao destacar essa foto na capa, o jornal *Folha de São Paulo* mostra para seus leitores que ele está atento ao acontecimento mais recente considerado uma tragédia na história recente do Brasil. Junto a foto, verifica-se ainda um infográfico que explica geograficamente em que região do país aconteceu a tragédia, como forma de didatizar a informação sobre a localização do fato. Diante disso, verifica-se o cuidado que a FSP tem com seus leitores ao situá-los ao contexto e local que o incêndio ocorreu. Na parte inferior do gráfico também são apresentados dados sobre os maiores incêndios ocorridos no Brasil, contextualizando historicamente o fato para um leitor que, possivelmente é exigente e anseia por curiosidades e informações extras.

Em tamanho menor e localizada na metade inferior da página, a capa da *Folha de São Paulo* ainda traz outra imagem (Figura 04):

Figura 04: Fotografia secundária de capa da *Folha de São Paulo*



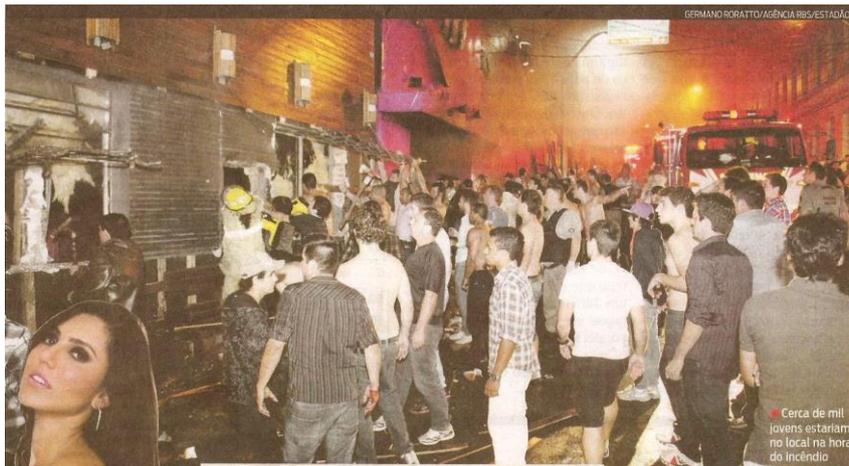
Fonte: FSP, 28/01/2013

A foto secundária apresenta a presidente Dilma Rousseff em um momento de comoção, ao visitar familiares das vítimas da tragédia, acompanhada do governador do Rio Grande do Sul, Tarso Genro. Por exibir de forma detalhada a expressão de Dilma e seu “estado de espírito” diante da situação que se encontra, a foto pode ser considerada como “retórica das paixões”. Segundo Verón, “o ‘estado de espírito’ do homem político, captado por uma fotografia de seu rosto, serve para qualificar uma

circunstância política determinada” (2003, p.16). Além da expressão visual da presidente, a foto secundária apresenta outro aspecto simbólico que representa o estado de “luto” de Dilma: a roupa que ela veste nas cores predominantes preto e roxo (tons considerados fechados, frios e fúnebres na cultura Ocidental). Pode-se inferir que, possivelmente, a foto foi escolhida pela *Folha de São Paulo* para complementar a matéria escrita, mas também para causar comoção nos leitores, e mostrar que assim como a presidente ficou emocionalmente “abalada” com a tragédia no Sul, o jornal também se compadece com seus leitores e a sociedade brasileira.

O jornal *Super Notícia*, por sua vez, apresentou em sua capa quatro imagens, sendo duas relacionadas com o incêndio na boate *Kiss* (Figuras 05 e 06), uma foto relacionada à editoria de esporte e outra imagem de duas mulheres de lingerie, que são um padrão da publicação<sup>14</sup>.

Figura 05: Fotografia principal de capa do *Super Notícia*



Fonte: Super, 28/01/2013

Assim como a foto principal do jornal *Folha de São Paulo*, a foto do jornal *Super Notícia* também pode ser considerada, com base na classificação de Véron (2003), como uma imagem “testemunhal”, pois ela apresenta o momento do incêndio e a reação das pessoas ao lado de fora do boate. É importante ressaltar que, embora a foto esteja localizada na parte central e inferior, ela é a de maior destaque na capa devido ao seu tamanho e também por complementar a manchete principal da capa.

<sup>14</sup> Embora o enfoque principal da capa do jornal *Super Notícia* seja a “tragédia no Sul”, o veículo não deixa de trazer esse tipo de publicação fixa (mulheres famosas na mídia, geralmente vestindo roupas íntimas e insinuantes) presente nessa e nas demais edições analisadas na pesquisa, referentes a todo mês de janeiro de 2013. Aqui, a única referência distante ao fato é a lingerie na cor preta com a qual as modelos aparecem vestidas, remetendo à cor utilizada como luto na civilização Ocidental.

Diferentemente da foto da FSP, que evidenciou a presença de socorristas, a cena apresentada na fotografia principal do *Super Notícia* remete de forma acentuada ao desespero que se encontravam as pessoas durante o incêndio, por apresentar as pessoas envolvidas diretamente, que estavam na boate. Tal escolha evidencia que o jornal optou por mostrar a reação dos jovens durante o incêndio, tendendo a uma cobertura que exhibe mais o sofrimento das pessoas envolvidas.

A foto secundária do *Super Notícia* (Figura 06) também refere-se às consequências do incêndio, pois apresenta o sofrimento de pessoas diante da tragédia, mas acontece fora do momento do fato, visto que a imagem é ambientada de dia.

Figura 06: Fotografia secundária de capa do *Super Notícia*



Fonte: Super, 28/01/2013

Segundo a classificação de Véron (2003), esta também pode ser considerada como foto testemunhal e complementa o discurso imagético apresentado pela foto principal, ou seja, a dor e o sofrimento das pessoas, que foi originado devido ao incêndio na boate *Kiss*.

Ao compararmos as fotos principais e secundárias referentes ao fato nas duas capas analisadas, podemos verificar que os jornais exploram a dor e o luto. Contudo, o jornal *Super Notícia* preferiu publicar imagens mais impactantes envolvendo a população em si, o que possivelmente se justifique pelo fato de se tratar de um jornal com apelo popular, ao invés de publicar foto de pessoas conhecidas e de figuras de autoridade, tais como bombeiros, policiais e políticos, como fez a *Folha de São Paulo*.

Ao analisar o conjunto de imagens que compõe as duas capas, é possível perceber que a composição gráfica da *Folha de São Paulo* tem um caráter mais flexível,

pois permite ao jornal conferir destaque a um fato que impacta significativamente sobre seu público. Por outro lado, o jornal *Super Notícia* não abriu mão dos espaços fixos na capa, a saber: destaque principal para alguma tragédia ou fato relacionado à violência, destaque secundário para notícias de cobertura esportiva (mais especificamente de futebol) e nota com fotos de mulheres vestindo roupas íntimas ou insinuantes.

Nosso foco de atenção para a categoria “texto” está na análise das manchetes, chamadas, legendas, tipologia (discurso e visual), entre outros aspectos textuais, das capas dos jornais *Folha de São Paulo* e *Super Notícia*.

O jornal *Folha de São Paulo* apresentou na capa cinco manchetes (sendo uma delas a principal) e todas escritas em negrito (com o intuito de destaca-las). Três dessas manchetes abordavam o incêndio de Santa Maria e suas conseqüências. A capa também apresentou cinco chamadas referentes a outros temas. As manchetes foram: “Pior incêndio do país em 50 anos mata 231 em casa noturna no RS”; “Estudante diz que segurança não queria abrir a porta”; “Pneumonia química é problema para sobreviventes, afirma ministro”.

Na capa analisada da FSP, verificamos duas imagens e, portanto, duas legendas. A legenda da foto principal é: “Bombeiros trabalham em frente à boate Kiss, em Santa Maria (RS), onde ocorreu o incêndio, possivelmente causado por um sinalizador, numa festa promovida por universitários”. A legenda da foto secundária, é: “A presidente Dilma Rousseff e o governador Tarso Genro visitam familiares das vítimas”, também ilustra o que a foto apresenta ao leitor, o sofrimento da presidente Dilma e sua “solidariedade” Notamos que a função de ambas foi de complementar o discurso imagético da foto que elas acompanham.

E, por fim, a capa da *Folha* apresentou apenas um chapéu e também uma publicidade. Vale ressaltar que a linguagem utilizada pelo jornal foi formal com base na norma culta padrão. O que nos permite inferir que o leitor que o jornal pretende atingir sabe se comunicar por meio desse padrão de linguagem. Além disso, ao utilizar esse tipo de escrita o jornal alcança “diante dos olhos do leitor” mais credibilidade ao transmitir as notícias, pela seriedade que ela carrega.

O jornal *Super Notícia* apresentou na capa cinco manchetes (sendo uma delas a principal), dois chapéus, três chamadas de capa e três legendas que acompanham cada uma das fotos.

A manchete principal intitulada “Incêndio mata 248 jovens em boate no sul” vem acompanhada de foto e da linha fina “Tragédia ocorreu na cidade gaúcha de Santa

Maria durante festa de universitários; sucessão de falhas, como alvará vencido e uso de pirotecnia em local fechado, provocou incêndio”. A manchete sobressai em comparação à foto principal, pelo alto número de vítimas ocasionado pela tragédia. Além da manchete principal, outras duas chamadas fazem referência a assuntos trágicos e estão acompanhadas de linhas finas. São elas: “Bêbado bate em poste e a noiva morre” e “Muro desaba e ameaça dois prédios”.

Ao observarmos as manchetes do jornal *Super Notícia* é possível verificar uma mescla entre *hard news* (notícias factuais) e notícias *light*, que Dejavite (2007, p.5) define como uma notícia que precisa ser “efêmera, circular rapidamente, fornecer dados novos e, ao mesmo tempo, divertir as pessoas”. Nessa edição há dois exemplos de manchetes de notícias *light*, são elas: “Raposa goleia o sapo” (cobertura esportiva) e “Excluídas do ‘BBB 13’” (acompanha a foto das mulheres de lingerie).

Embora a capa do jornal *Super Notícia* apresente quatro fotos, apenas três delas têm legendas. A legenda da foto principal é “Cerca de mil jovens estariam no local na hora do incêndio”; da foto secundária é “Amigos e parentes das vítimas ficaram desesperados com a tragédia”; e a foto das mulheres de lingerie traz como legenda o nome das modelos, “Samara e Kelly”.

Ao analisarmos o texto da capa do *Super Notícia*, percebemos que há o predomínio de uma linguagem informal, contrastando com a linguagem formal predominante na capa da *Folha de São Paulo*. Isso nos dá pistas, de que os leitores modelos que os dois jornais pretendem atingir são diferentes. O leitor do *Super Notícia*, além de privilegiar temáticas como violência, esporte e sexo, se interessa por notícias transmitidas com uma linguagem descontraída, diretiva e também tem interesse por uma escrita jornalística de abordagem mais sensacionalista. Enquanto o leitor da *Folha de São Paulo* prefere uma linguagem próxima da norma culta padrão que transmite a ele a ideia de isenção e credibilidade por parte do jornal.

Quanto à composição gráfica das capas, ambas apresentam um padrão e estilo de diagramação no qual se percebe a influência da produção jornalística para web, a partir do uso de diversas chamadas de capa dispostas como hiperlinks e do uso de cores variadas para separar o conjunto de informações, reproduzindo o leiaute de um site. Isso pode ser facilmente compreendido pois, com a ampliação do uso da internet pelos leitores, a mídia impressa está se adaptando e adquirindo um novo formato, a fim de garantir a audiência e a manutenção do veículo em local de destaque no mercado.

Por fim, ao analisarmos as cores utilizadas nas capas dos jornais, conseguimos perceber aplicações, tanto das funções semânticas (que carregam um sentido específico determinado culturalmente), quanto paradigmáticas (usadas para organizar gráfica e esteticamente a composição) desse recurso (cf. GUIMARÃES, 2003). No jornal *Folha de São Paulo* verificamos a predominância das cores preto, branca e azul. Embora a cor preta remeta à ideia de luto, ela aparece apenas no fundo do infográfico que compõe a imagem principal e nos textos, como cor padrão. As demais cores utilizadas, aparentemente, têm finalidade de cumprir uma função paradigmática.

O jornal *Super Notícia* utilizou em maior quantidade o recurso das cores com seus valores semânticos, se comparado a *Folha*. Na matéria principal de capa, a composição opta pelo contraste entre as cores preta e amarela (Figura 07), que criam a ideia de atenção, além de produzir efeito de destaque para captura do olhar. A cor preta também aparece ao fundo do box que acompanha a notícia e no quadro que apresenta as chamadas, ao lado da foto secundária, ambos com a função semântica, pois remete ao luto e à tragédia que ocasionou vítimas. A cor branca utilizada nos textos de linha fina, chamadas e legendas das fotos assume apenas a função paradigmática.

Figura 07: Manchete de capa do *Super Notícia*



Fonte: Super, 28/01/2013

A capa do *Super Notícia* utiliza ainda as cores azul, no box sobre a vitória do time Cruzeiro, e rosa no box da legenda que acompanha a foto das mulheres de lingerie. Ambas aplicações têm função semântica pois remetem, respectivamente, à cor do uniforme da equipe vencedora e à feminilidade das modelos fotografadas. Ainda são



aplicadas as cores amarela (box), vermelha (chapéus) e preta (nos textos), com funções paradigmáticas, ou seja, como recursos estéticos para organização da página.

## 5. Considerações

Nossa intenção principal foi realizar inferências sobre que tipo de leitor as capas dos jornais *Folha de São Paulo* e *Super Notícia* no dia 28 de janeiro de 2013 buscaram alcançar, partindo da ideia de que todo texto prevê um leitor que pode ser identificado pelas escolhas feitas na instância da sua produção (cf. ECO, 1986; CHARTIER, 1996). Além disso, buscamos analisar a partir das capas como as duas publicações, considerados os maiores em circulação no país<sup>29</sup>, realizaram a cobertura do incêndio da boate *Kiss*, ocorrido na cidade de Santa Maria no Rio Grande do Sul.

A partir da análise apresentada sobre as categorias imagens, texto, diagramação e cores nas capas do jornal *Folha de São Paulo* e *Super Notícia* e levando em consideração a cobertura de tragédia realizada por cada um desses veículos de comunicação, é possível responder a seguinte pergunta: “Quem é o leitor modelo previsto pelas publicações?”.

Em relação à *Folha de São Paulo*, pode-se inferir que é um leitor interessado em saber sobre os desdobramentos dos fatos, que não se contenta com poucos dados, mas se interessa em estar informado sobre detalhes. Um leitor exigente, que se interessa por política e por assuntos que afetam a sociedade brasileira como um todo, que prefere a informação através de imagens e infográficos, mas também consome textos, desde que esses apresentem um discurso credível e uma linguagem formal.

Já o leitor do jornal *Super Notícia* é aquele que tem interesse em acompanhar coberturas de tragédias, especialmente sobre fatos que estão acontecendo em sua região (Belo Horizonte e Minas Gerais), visto que mesmo diante de uma tragédia de grandes proporções, o espaço da capa foi dividido com informações de fatos violentos ocorridos na área de produção do jornal. Podemos inferir, ainda, que o leitor do *Super* gosta de imagens chocantes, dinâmicas e atraentes, que se agrada com a presença de variadas cores, e prefere ler textos curtos de linguagem informal, descontraída e objetiva.

## 6. Referências

---

<sup>29</sup> Dado baseado na pesquisa do site da Associação Nacional dos Jornalistas (ANJ).



AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira e J.E.M.M, Editores, LTDA. – 1986, p.1.697.

BORGES, Ana. Manual de Títulos. Salvador, 2005. Não Publicado.

CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo : Estação Liberdade, 1996.

CUNHA, Karenine Miracelly Rocha da. “Capas na mídia impressa: a primeira impressão é a que fica”. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0787-1.pdf> Acessado em: 03 abr 2010.

DIFINI, Diego. “Pesquisas analisam resultados da revolução gráfica que atinge o jornalismo”. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/lead/planigraf/diego.pdf> Acessado em 14 mai 2010.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**: A cooperação interpretativa nos textos narrativos. Trad. Atílio Cancian. São Paulo : Perspectiva, 1986. Coleção Estudos.

FASSINA, Uriá; CAVALCANTE, Ana Luisa Boavista; ANDRADE, Rafael de Castro. “Reflexões sobre a complementaridade entre imagem e texto e seu papel na criação da linguagem da infografia”. II Encontro Nacional de Estudos da Imagem, Londrina/PR, 2009. PP. 286-292.

**Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 jan.2013, p.1.

GUIMARÃES, Luciano. **As cores na mídia** – A organização da cor-informação no jornalismo. São Paulo : Annablume, 2003.

SANTOS, Volnei Edson dos. O Trágico e seus rastros. Londrina: Editora UEL, 2002.

SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

SONTAG, Susan. **Sobre a fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA SILVA, Rafael. **Diagramação**: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa. São Paulo : Summus, 1985. Coleção Novas Buscas em Comunicação.

**Super Notícias**, Belo Horizonte, 28 jan.2013, p.1.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** – A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis : Insular, 2005. Volume II.

VERON, Eliséo. **A produção de sentido**. Trad. Alceu Dias Lima ...[et al.] São Paulo : Cultrix : Edusp, 1980.